

## Apresentação

Estamos vivenciando um ano extraordinariamente único e para além de dramático. Nós poderíamos perguntar o porquê de um novo número de uma revista que pareceria estar distante das dinâmicas da emergência sanitária global. Contudo, o que nos move é justamente uma reflexão que nos permite estar ainda vivos e pensantes, e não é pouca coisa.

Já a partir do início do novo milênio, a cultura ocidental começou a viver em cenários totalmente novos, nos quais as categorias interpretativas e taxonômicas atualizaram a fase da assim chamada “cultura da modernidade” e seus desenvolvimentos posteriores, até um pós-modernismo econômico e político, mais que sucessão puramente cultural da modernidade. Estamos frente a uma contemporaneidade sem precedentes, variada e multicultural, ao mesmo tempo local e pós-colonial. Nessa perspectiva inusitada, em que se alterou todo o universo de categorias expressivas e interpretativas que caracterizaram o sistema cultural, as polaridades constantemente ativas de imagem e palavra continuam mantendo sua própria centralidade, no interior de uma dialética infinita e aporia. A peculiaridade dessa polaridade continua a interrogar e ultrapassa os limites de um trabalho de campos epistemológicos divididos e estanques. O compromisso de descrever as complexas formas de como a imagem e a palavra se entrelaçam hoje restabelece constantemente as próprias identidades, nas mais diversas perspectivas: semióticas, linguísticas, históricas, estéticas, antropológicas. Falar de textualidade e visualidade, como amamos dizer, significa passar por inúmeros episódios na história da cultura, a partir do nascimento de uma consciência meta-artística e de uma consciência da escrita como ferramenta e oportunidade de gestão dos valores semânticos, simbólicos, hermenêuticos da obra. A arte que provém da organização de palavras e imagens consegue construir uma rede de signos, operada por diversos modos expressivos e narrativos, uma rede de signos que, após séculos de história, continua a ser uma base fértil para a discussão sobre as formas visuais e as formas textuais.

\*\*\*

O dossiê que aqui apresentamos move seus passos sobre a possibilidade de “narrar” as imagens e de “imaginar” as palavras, nas artes plásticas, no cinema e na literatura.

O número abre-se com uma entrevista à semioticista Lisa Block de Behar, com o interesse de esboçar um diálogo teórico sobre os efeitos recíprocos entre imagem e palavra.

O dossiê apresenta um número duplo, formado por um conjunto de contribuições extremamente variadas e interessantes, sinal da vivacidade do problema suscitado. Paola Mildonian verifica a possibilidade de transcodificar a poesia em filme com exemplos de grandes cineastas, como o italiano Mario Martone e o armênio Sergei Parajanov. Maria do Rosário Lupi Bello relê a capacidade do diretor Stuart Burge de adaptar para o cinema a célebre peça teatral de Oscar Wilde, *The Importance of Being Earnest*. Dominika Bugno-Narecka e Miriam de Paiva Vieira desvelam como o processo de transformação entre mídias pode se apropriar de uma éfrase significativa, transformando os mídias em uma nova narrativa materialmente diferente. As questões inspiradas pelo filme *Memento (Amnésia)*, de Christopher Nolan, são tratadas na contribuição de Beatriz Rauscher. Cenas de mortes caninas na literatura e no cinema são analisadas por Maria Esther Maciel em um aparato transdisciplinar que enfrenta os afetos entre humanos e cães, potencializados pela experiência da perda e do luto. A cultura monástica alto-medieval é enfrentada por Santiago Disalvo, que analisa o filme *The Secret of Kells* (2009) entre manuscritos, incisões e glosas texto-visuais. A correspondência interartística de dois ou mais sistemas de mídias é retomada no artigo de Maria Luiza Atik e se amplia no texto de Maria Adélia Menegazzo, em que é investigada a ordem subjetiva da potência das imagens do desejo e da memória. Os conceitos de *roman-photo*, de *ciné-roman* ou *récit-photo* são os protagonistas das páginas de Juliana Mantovani a partir da teoria da imagem em movimento. Cecilia Molinari se dedica os efeitos sociológicos das escritas nas imagens de publicidade. Finalmente, o duplo dossiê se conclui com uma reabertura para o mundo das relações entre utopia e imagem, constituído por textos e reenvios a links, curado por Fernando José Pereira, da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, que reúne textos e imagens de artistas da mesma instituição.

A resenha de Ionit Behar, da Universidade de Chicago, sobre o volume de Zdenka Badovinac, sobre curadoria, política e arte na Europa pós-socialista, sela as páginas do número que aqui apresentamos.

\*\*\*

Dissemos que se trata de um número duplo pela presença de dois dossiês, mas poderia ser triplo pela conexão de arte plástica, literatura, cinema... De todo modo, o texto e a imagem constituem o pilar instável e, ao mesmo tempo, poderoso dessas páginas.

Já para o Aby Warburg de *Atlas Mnemosyne*, a imagem é considerada uma invenção essencialmente dialética, inserida num sistema de “dinamogramas” fortes e ao mesmo tempo ambivalentes, em diálogo com outras imagens e em relação constantemente ativa com a expressão racional e verbal, a outra linguagem do *logos*. Nesse sentido, o *Atlas* warburguiano é a proposta de um *pharmakon*, como diria Jacques Derrida, isto é, um remédio para o estado de perplexidade que perturba o sujeito da atualidade, especialmente o sujeito de matriz ocidental.

Em busca de uma ordem, de pontos de orientação a serem traçados no mapa da complexidade irreduzível do mundo, a possibilidade de “narrar” as imagens e de “imaginar” as palavras se torna – sinteticamente, mas perde sua complexidade – um “falar visível”.

Esse “falar visível” está, para nós, identificado na figura mitológica de Jano, cujo olhar bifronte se relaciona, por um lado, a um movimento oposto, mas, por outro, numa raiz comum que une as duas cabeças. Georges Dumézil afirma que o significado específico do mito de Jano tem origem na ideia de “porta”, isto é, de “passagem”.

Na era arcaica, Jano, quase sempre representado como uma divindade de duas cabeças, era simplesmente o deus ligado aos ciclos naturais. Com o passar do tempo, seu mito tornou-se cada vez mais complexo. Jano preside todos os começos e passagens e limiares, divindade das mutações e das transições materiais e imateriais (soleiras de casas, portas, passagens cobertas, mas também o início de um novo empreendimento, da vida humana, da vida econômica, do tempo histórico e mítico, da religião, dos próprios deuses, do mundo, da humanidade).

Jano encarregava-se, portanto, de matérias opostas, mas também de espaços misturados. Portas, passagens, pontes, entradas e saídas. Todos elementos que foram se reconstruindo metaforicamente até a atualidade.

Por seu olhar inquietante, Jano continua a representar a divindade de todas as formas de transição e mudança, o protetor de tudo que diz respeito a um começo e um fim.

Com esse número, cujo trabalho editorial contou com o olhar atento de Anna Cristina de Araújo Rodrigues, deixamos a responsabilidade da revista para uma nova equipe. Que o novo ano, sob o olhar de Jano, seja propagador de uma civilização mais humana e de um mundo mais justo.

**Biagio D'Angelo**

Editor